



CQC versus CQC 3.0: a interatividade a serviço da colaboração?¹

Laura Nabuco BRANCO,²

Fabiula Aparecida BENTO-GUTH,³

Amlí Paula Martins de MIRANDA⁴

Gilson Moraes da COSTA⁵

Centro Universitário Cândido Rondon, UNIRONDON

Resumo

O presente trabalho avaliou se o maior grau de interação entre receptores e emissores, constatado no programa CQC 3.0 (veiculado na Internet no *site* da Rede Band) influencia ou não uma maior colaboração do público em seu conteúdo jornalístico do que aquela verificada no programa CQC, exibido pela mesma emissora na televisão aberta. O trabalho consistiu em analisar cinco edições de cada uma das versões do programa e fazer uma pesquisa qualitativa com 101 espectadores. Isso permitiu identificar que, embora mais interativo, o CQC 3.0 conta com menos colaboração do público no que diz respeito ao conteúdo com caráter jornalístico. Mesmo assim, o espaço oferecido pelo programa para participação ainda é mais bem avaliado pelos espectadores.

Palavras-chave: Jornalismo; Jornalismo colaborativo; Interação.

Introdução

Mesmo não sendo tão recente quanto se imagina, a prática do jornalismo colaborativo ainda não é amplamente utilizada nos meios de comunicação de massa, ficando restrita a raros exemplos de veículos que têm a rede mundial de computadores

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 7 a 9 de junho de 2012.

² Recém graduada em Jornalismo pelo Centro Universitário Cândido Rondon – UNIRONDON (2011). Email: lauranbranco@gmail.com

³ Orientadora do trabalho: Professora do curso de Jornalismo do Centro Universitário Cândido Rondon – UNIRONDON. Email: prof.fabiula@unirondon.br

⁴ Orientadora do trabalho: Professora do curso de Jornalismo do Centro Universitário Cândido Rondon – UNIRONDON. Email: paula.unirondon@gmail.com

⁵ Orientador do trabalho: Professor do curso de Jornalismo do Centro Universitário Cândido Rondon – UNIRONDON. Email: gilcostta@gmail.com



como plataforma primária. Até mesmo aqueles que adotam a Internet como plataforma ainda arriscam pouco nesse modelo de fazer jornalismo. As possibilidades de interação que a web proporciona têm ficado, portanto, restritas a sites específicos, como as redes sociais e os de conteúdo colaborativos.

O CQC, por meio da versão CQC 3.0, é um dos primeiros casos de programas de televisão a migrar para a Internet e utilizar tais recursos de colaboração e participação do público de forma mais abrangente do que em geral se verifica. Por se tratar de um caso praticamente isolado, é que se atribui relevância a esta pesquisa. Com ela buscou-se contribuir, ainda que de forma tímida, com a bibliografia acerca das teorias que envolvem o jornalismo colaborativo e a interação mediada por computador.

Em vários de seus textos Alex Primo alerta para o uso excessivo e de forma equivocada do termo interativo. Conforme ele, a expressão é comumente utilizada como um sinônimo de bidirecionalidade, “[...] presente em uma máquina de refrigerante, por exemplo” (PRIMO, 2008, p. 11) e tem servido até mesmo como argumento de venda. Para ele, quando se fala de interatividade é preciso focar na interação que se estabelece entre as partes que formam o sistema de comunicação, sem isolá-las umas das outras.

O CQC 3.0 pode ser considerado um sistema interativo. Além de agrupar várias das características elencadas por Lévy (1999) no processo de comunicação que se estabelece nele, é visível que o foco do programa exclusivo da Internet não é a mera transmissão de mensagens, mas uma conversa entre os usuários da rede mundial e os apresentadores, um processo semelhante ao que Primo (2008) chama de interação mútua. Seria esse maior grau de interação, então, utilizado para potencializar a colaboração do público?

Para responder essa questão este trabalho analisou cinco⁶ edições do programa exibido na televisão e cinco edições do programa que vai ao ar na Internet com o objetivo de identificar se a interação entre público e apresentadores no CQC 3.0 é utilizada para colaborar com o conteúdo jornalístico veiculado na versão televisiva do programa. As amostras foram colhidas, de acordo com a conveniência ao período em que esta pesquisa foi desenvolvida, entre os dias 22 de agosto e 3 de outubro de 2011.

Do programa da televisão foram analisados especificamente os quadros: O Documento da Semana, exibido nas edições dos dias 22 de agosto, 05 de setembro, 26 de setembro e 03 de outubro, e o Proteste Já, veiculado nos dias 22 de agosto, 29 de

⁶ Os programas exibidos nos dias 12 e 19 de setembro não foram incluídos na análise proposta por este trabalho por não terem sido veiculadas nestas datas nenhum dos dois quadros que se pretende avaliar.



agosto, 26 de setembro e 03 de outubro. Eles foram selecionados por se encaixarem nas características enumeradas por Correia (2009) que definem um conteúdo jornalístico: enunciados referentes a fatos ou pessoas; que possam ser submetidos à verificação da veracidade do conteúdo; que denotem uma certa urgência em sua divulgação; que sejam relevantes de acordo com o contexto social e histórico do público que o receberá; que seja público no sentido de ter linguagem acessível a todos e ser de interesse coletivo; e ser produzido “[...] por indivíduos dotados de um conjunto de saberes e competências que se estruturaram em torno de uma determinada relação com a verdade, como um valor fundamental que estrutura a profissão” (CORREIA, 2009, p. 39). Além disso, os quadros correspondem ao gênero jornalístico das reportagens que, conforme Dines (2002), são a “[...] principal fonte de matérias exclusivas do telejornalismo” (DINES, 2002, p. 67).

A análise dos quadros escolhidos tinha como objetivo identificar o tema e as informações transmitidas nas reportagens veiculadas neles. Para isto, se buscou-se identificar os seguintes tópicos que, conforme Lage (2001, apud KINDERMANN, 2007), devem conter uma pauta para reportagem: assunto; fato gerador de interesse; contexto; e linha editorial.

Os dados de cada uma dessas análises foram, então, comparados aos assuntos abordados nas conversas resultantes da interação entre os apresentadores e cada um dos participantes do CQC 3.0 por meio das mensagens de vídeo. O cruzamento desses dados levou em consideração a data de veiculação de cada material, ou seja, o conteúdo das reportagens foi comparado exclusivamente aos assuntos das conversas realizadas na versão on-line do programa que foi ao ar no mesmo dia.

A análise do conteúdo da interação no CQC 3.0 seguiu um esquema semelhante ao proposto por Rose (2002) para análise de imagens em movimento. A autora ressalta que o primeiro passo é a transcrição do conteúdo com a finalidade de simplificar a complexidade das imagens em um conjunto de dados que possibilite uma análise cuidadosa. Antes disso, no entanto, é preciso definir a unidade de análise.

Os analistas da conversação, ou os teóricos do discurso, tomam, basicamente, como sendo uma unidade de análise uma linha, uma sentença ou um parágrafo. A unidade está, conseqüentemente, baseada na fala. (ROSE, 2002, p. 348).

Como o objetivo desta análise foi possibilitar que os assuntos abordados durante a interação no CQC 3.0 fossem comparados aos temas das reportagens selecionadas no



programa veiculado na televisão, a unidade de análise foi cada um dos participantes por meio das mensagens de vídeo, sendo identificadas pelos nomes dessas pessoas. O conteúdo das transcrições, por sua vez, foi analisado levando em consideração a proposta de Myers (2002), que trata da análise de conversações e falas.

Conforme o autor, já no momento da transcrição é preciso definir como ela será detalhada. Para este trabalho foi escolhido “[...] fornecer uma versão mais limpa do que é dito, revisando automaticamente repetições, sobreposições e cortes na fluência, e editando o que foi dito em frases coerentemente pontuadas” (MYERS, 2002, p. 275), pois o foco da análise foi apenas identificar os assuntos debatidos para compará-los aos encontrados na análise das reportagens exibidas pelo programa na televisão.

Uma vez identificados, tais assuntos foram divididos em tópicos. Conforme Myers (2002), essa classificação pode ser feita pelo próprio analista, que, no caso deste trabalho, se baseou, sempre que possível, nas perguntas que Dougall (2006) classifica como clássicas de uma notícia: quem? quê? quando? onde? por quê? como?. Tal proposta visava facilitar a identificação de relação entre os assuntos abordados no CQC 3.0 e nos quadros selecionados do CQC. Além disso, o formato também facilita a identificação da transmissão de uma informação jornalística que não esteja relacionada ao conteúdo exibido no programa veiculado pela televisão, mas que ainda assim se caracterize como jornalismo colaborativo.

Além da análise dos quadros do CQC e do conteúdo do CQC 3.0, a fim de identificar se o maior grau de interação proporciona um ambiente mais propício à colaboração, este trabalho pretendia avaliar a percepção do público sobre os mecanismos de interação que cada uma das versões do programa possui e como são avaliadas as possibilidades de colaboração que cada um deles oferece.

Para isso, foi elaborado um questionário com perguntas semi-estruturadas e fechadas. Devido à transmissão em rede nacional do programa, optou-se pela aplicação do questionário na Internet, a fim de que os dados colhidos não ficassem limitados a pessoas residentes em uma determinada região do país.

Como o questionário foi aplicado na Internet, não havia a possibilidade de se prever ou determinar quem poderia respondê-lo. Dessa forma, as perguntas que buscavam delimitar o perfil dessas pessoas serviram para selecionar as entrevistas que tinham mais relevância para o problema da pesquisa, conforme proposto por Amaral, Frago e Recuero (2011) para delimitação de amostras qualitativas na Internet.



A lógica e o poder da amostragem intencional residem na seleção de casos informacionalmente ricos para estudo em profundidade. Casos informacionalmente ricos são aqueles que permitem aprender muito sobre as questões centrais que a pesquisa tem a intenção de endereçar, daí o termo amostragem intencional (PATTON, 2002, apud, AMARAL; FRAGOSO; RECUERO, 2011, p. 68).

As questões fechadas pretendiam, portanto, verificar inicialmente dados censitários dos entrevistados, como sexo, idade, renda familiar, profissão, escolaridades e frequência e qualidade de acesso à Internet, além de já definir quais dessas pessoas compunha as audiências do CQC e do CQC 3.0.

Identificadas as audiências, buscou-se, então, verificar quais das pessoas que disseram assistir o CQC “sempre” ou “sempre que possível” e que já haviam tentado colaborar com a programação enviando algum tipo de material. O mesmo questionamento foi feito para os que disseram acompanhar as exposições do CQC 3.0. Pretendia-se saber se essas pessoas tinham demonstrado interesse em participar do programa por meio da mensagem de vídeo.

Embora boa parte do questionário tivesse objetivos quantitativos em sua análise, principalmente no que diz respeito às perguntas fechadas, o objetivo principal foi avaliar as opiniões do público sobre o espaço à colaboração nas duas versões do programa, em especial as respostas à pergunta que traça uma comparação entre o CQC e o CQC 3.0. Sendo assim, uma parte considerável das entrevistas realizadas foi descartada por não atender ao perfil desejado.

A quantidade reduzida de entrevistados selecionados para esta etapa não prejudicou, no entanto, o desempenho da análise, visto que, conforme Gaskell (2002), a finalidade de uma pesquisa qualitativa é explorar as diferentes representações sobre o assunto em questão, tendo a segurança de que todos os pontos de vista foram explorados. Partindo, então, da quantidade de 101 entrevistados, foram selecionadas 12 entrevistas consideradas relevantes para o problema da pesquisa. O critério foi a resposta “sempre” ou “sempre que possível” a pergunta sobre a frequência com que acompanham as duas versões do programa.

A análise dos dados enviados por essas pessoas levou em consideração, principalmente, as respostas às perguntas “Como você avalia o espaço destinado a participação do público no programa da TV?”, “Como você avalia o espaço destinado a participação do público no CQC 3.0?” e “Na sua opinião, qual das duas versões do



programa (TV ou Internet) possibilita que o público contribua com mais informações do que aquelas que já estão pré-estabelecidas pela produção no roteiro? Por quê?”.

As respostas dos entrevistados foram comparadas aos dados encontrados na análise do conteúdo das duas versões do programa e da bibliografia abordada a fim de identificar se o público avalia que o ambiente mais interativo é ou não mais colaborativo.

Análise dos programas

Rafaelli (1988) ressalta que a interação não deve ser considerada uma característica do meio (RAFAELI, 1988 apud PRIMO, 2008, p. 12). Segundo ele, para estudá-la é necessário deixar de lado as propostas que fragmentam o processo de comunicação em emissor, canal, mensagem e receptor, como se estas fossem partes isoláveis umas das outras. Apesar disso, logo na análise da primeira edição do CQC e do CQC 3.0 observou-se a importância do aparato tecnológico do canal de comunicação para que a interação proposta pelo programa seja possível.

Falhas técnicas impossibilitaram que espectadores participassem através do vídeo do CQC 3.0, exibido no dia 22 de agosto. Mesmo com a tentativa dos apresentadores de interagir com aqueles presentes nas redes sociais integradas à página em que o conteúdo do programa é veiculado, lendo e respondendo as mensagens postadas ali, a interação foi comprometida. Toda a transmissão contou com a participação apenas das pessoas que acompanhavam a gravação na platéia. Tal prática pode ser encaixada dentro do conceito de quase-interação criado por Tompson (1998, apud PRIMO, 2008, p. 21), já que para estar na platéia o espectador dependeria de ser selecionado pela produção.

Do programa da televisão veiculado na mesma data foram analisados os quadros O Documento da Semana e Proteste Já. Apesar das duas reportagens terem ocupado uma parte significativa do CQC, entre os assuntos discutidos no CQC 3.0, a maioria não dizia respeito ao conteúdo veiculado no programa televisivo e surgiram da interação entre a platéia e os apresentadores. A partir desta análise pode-se dizer que apesar da observação de Primo (2008), de não se isolar os componentes do processo comunicacional quando se trata do estudo de um processo dito interativo, ser pertinente, é preciso levar em consideração algumas características do canal de transmissão das mensagens, ao menos no caso do CQC 3.0.



O próprio Primo (2008) cita um exemplo semelhante: a série infantil *Winky Dink and You*, produzida pela rede americana de televisão CBS entre 1953 e 1957. Conforme o autor, a participação das crianças era desenhar uma ponte na tela da televisão com um material plástico previamente adquirido para auxiliar o personagem a escapar de um tigre que o encurralava em um precipício. Primo (2008) ressalta a limitação da tentativa de interação devido ao fato de que mesmo sem a intervenção da criança a transmissão do programa seria igual para todos. Isso porque o canal por onde esse conteúdo era transmitido não possuía mais recursos para promover essa interatividade. Algo semelhante se viu na edição de 22 de agosto do CQC 3.0, em que, apesar dos recursos existirem, a falha técnica que ocasionou sua ausência tornou a interação limitada.

No segundo programa analisado, em 29 de agosto, embora os problemas técnicos não tenham existido e a interação proposta pela emissora tenha sido alcançada em sua plenitude, não houve nenhum caso de colaboração com o material que havia sido exibido na reportagem do quadro *Proteste Já*. No lugar da colaboração viu-se, por exemplo, uma demonstração de pertinência do argumento de Rose (1999 apud PRIMO, 2008, p. 26) de que um dos principais interesses das empresas do ramo televisivo na implantação da tecnologia da televisão digital é a possibilidade de aumento dos lucros com a propaganda interativa e do comércio on-line, que pode ser promovido a partir daí.

Mesmo que o CQC 3.0 não seja um programa veiculado na televisão, foi possível fazer a relação entre o que a autora relata e a primeira interação por meio do vídeo. Ao se deparar com o interesse da espectadora Rosana Mazzini nos óculos escuros que os membros do programa usam, e que já se tornou um símbolo do CQC, o apresentador Marcelo Tas falou da possibilidade de colocar esse produto à venda. Mensagens dos demais espectadores, que interagiam por meio das redes sociais, revelando quanto pagariam para ter o produto foram lidas.

Indignado com essa perspectiva, Bucci (2001, p. 2) reclama: “A TV interativa, do presente ou do futuro, existe para seduzir o consumidor – e para salientar o cidadão. Essa é sua lógica central. (...) Essa tal de interatividade deveria ser chamada de interpassividade. Nada mais. Interpassividade consumista: anabolizante do comércio, nuvem de fumaça para a democracia. (PRIMO, 2008, p. 26).

O único sinal de colaboração partiu do segundo espectador que interagiu por meio do vídeo. Morador de Aracajú, capital de Sergipe, Fábio Augusto falou sobre o abandono de dois dos três teatros que existem na cidade. O tema, no entanto, foi



proposto pelo apresentador Rafael Bastos, que, munido de uma informação prévia, perguntou se era verdade que a cidade passava por essa situação.

Eles também falaram sobre os bastidores do próprio CQC. O interesse no que ocorre por trás das câmeras é explicado por Speck (2011). Segundo o autor, com o aparato das mídias sociais, a prática de compartilhar aquilo que se assiste na televisão passou do ambiente da sala de estar para os *sites* de redes sociais, onde uma quantidade muito maior de interagentes debate o mesmo assunto.

Speck (2011) ressalta que não demorou até que emissoras de televisão percebessem essa nova tendência e passassem a postar informações do que acontece nos bastidores em seus perfis nessas redes sociais como uma forma de atrair o público.

Do CQC que foi ao ar no dia 5 de setembro, a reportagem analisada foi exibida no quadro O Documento da Semana. No CQC 3.0, exibido no mesmo dia, a exemplo dos programas anteriormente citados, não houve colaboração dos espectadores em relação à reportagem. Pelas redes sociais, a interação também foi a de costume com a leitura de algumas mensagens enviadas por espectadores e as respostas dos apresentadores a elas, em uma espécie de *feedback* semelhante ao identificado em meios de comunicação de massa, quando cartas ou e-mails são lidos (BRITO, 2011).

Já nas interações pelo vídeo, o segundo espectador, Danúbio Barcelos, colaborou com informações de caráter jornalístico. Ele relatou o desaparecimento de um veículo, propriedade da secretaria municipal de obras. O espectador utilizou o CQC 3.0 para sugerir que a produção do programa da televisão usasse a informação como pauta para o quadro Proteste Já. Embora o caso tenha sido encarado em tom de chacota pelos apresentadores em um primeiro momento, Rafael Bastos acabou complementando a informação com outros detalhes pesquisados na Internet. Até a edição analisada neste trabalho, no entanto, o pedido do espectador de utilizar o caso como pauta para o quadro Proteste Já não foi atendido.

A colaboração de Danúbio Barcelos foi caracterizada como jornalismo colaborativo hiperlocal (BRITO, 2011), uma vez que corresponde a um fato ocorrido em uma cidade afastada dos grandes centros urbanos e que não ganharia cobertura de um programa de abrangência nacional como o CQC. Vale ressaltar, que embora o quadro Proteste Já, em geral, faça coberturas de fatos que podem ser considerados hiperlocais, a veiculação dessas histórias só ocorre porque os espectadores são convidados a cooperar, enviando sugestões para o programa. Ainda assim, a maior parte das sugestões que ganham destaque no CQC corresponde a casos ocorridos dentro do



estado de São Paulo, onde fica a sede da emissora. Dessa forma, o problema relatado por Danúbio Barcelos dificilmente seria transmitido pelo programa, não fosse sua colaboração no CQC 3.0.

Outra observação importante a se fazer é que o próprio espectador se identifica como comunicador. Durante a entrevista ele ressalta ser funcionário de uma emissora de rádio, parte de uma empresa que também produz um jornal que circula na cidade e foi o responsável pela apuração do fato relatado por ele.

No CQC exibido nesta mesma data a reportagem deste quadro foi a respeito da má conservação das pistas de *skate* de Mogi das Cruzes, interior de São Paulo. O programa também exibiu o quadro O Documento da Semana, que tratou da divulgação de vídeos eróticos caseiros na Internet. Nenhum dos dois assuntos foi comentado no programa veiculado na Internet. Nem mesmo outros temas abordados pelo programa televisivo foram lembrados.

Á exceção da edição em que não houve espectadores do público externo participando do programa por problemas técnicos, a maior parte das interações teve como tema central assuntos relacionados aos próprios participantes e não ao programa ou apresentadores em si. Os comentários sobre os quadros apresentados no CQC em geral se limitaram à leitura de mensagens dos espectadores que interagem por meio das redes sociais. Até mesmo as colaborações com conteúdo de caráter jornalístico, como a de Danúbio Barcelos ou Fábio Augusto também partiram de assuntos que diziam respeito ao próprio participante e não aos temas já abordados pelo programa.

Já o CQC 3.0, exibido no dia 03 de outubro, pode ser relacionado às observações de Primo (2008, p. 52) sobre a interação como argumento de venda. Ele ressalta uma citação de Baudrillard (1997) em que o autor defende que tal interface não existe, sempre havendo um sentimento de rivalidade e de dominação. Essa descrição do relacionamento entre emissores e receptores foi percebida graças à ausência do apresentador Rafael Bastos nas duas versões do programa. Ele havia sido suspenso pela emissora após uma de suas piadas se tornar alvo de um processo na Justiça. O caso repercutiu em toda a imprensa e a postura adotada pela Rede Band perante o apresentador recebeu críticas dos espectadores do programa. Para evitar que tais posicionamentos fossem proferidos dentro da própria programação do CQC 3.0, não houve participação do público por meio do vídeo.

Em nenhum momento os apresentadores informaram que os espectadores não poderiam participar, como fizeram durante a edição que sofreu falhas técnicas. O



assunto envolvendo Rafael Bastos só foi citado superficialmente por Marco Luque devido à quantidade de mensagens enviadas pelos espectadores por meio das redes sociais solicitando um posicionamento dos apresentadores. Justamente nesta edição, o conteúdo do O Documento da Semana acabou se tornando o assunto principal do CQC 3.0. O quadro mostrou uma reportagem sobre a busca pelo corpo perfeito. O mesmo não ocorreu com a reportagem exibida no Proteste Já.

Em linhas gerais, constatou-se que a interação no CQC 3.0 se assemelha em muitos aspectos ao conceito de interação-mútua desenvolvido por Primo (2005). Nas conversas entre apresentadores e espectadores não havia roteiros estabelecendo previamente o que deveria ser abordado, o fluxo da mensagem não possuía um caminho de dominância. Embora neste trabalho tenha-se mantido (por conveniência) as denominações espectador e apresentador, o que remete aos estudos transmissionistas e funcionalistas de comunicação, percebeu-se que ambos tinham papéis equivalentes no processo comunicacional.

Pode-se dizer, inclusive, que o CQC 3.0 é uma potencialização do CQC no que diz respeito à interação entre público e emissores, uma vez que a conversação se estabelece no mesmo suporte que se usa para transmitir as mensagens, e uma ruptura com o modelo televisivo quando permite que em um mesmo espaço funcionem, ao mesmo tempo, um fórum de discussões entre os participantes e um programa em que o público é responsável pela maior parte do conteúdo produzido, seja ele de caráter jornalístico ou não.

CQC 3.0 *versus* colaboração

Apesar do modelo amplamente interativo do CQC 3.0, o espaço foi pouco utilizado para a colaboração com conteúdo de caráter jornalístico. Das sete pessoas que participaram do programa por meio do vídeo, apenas duas contribuíram com informações com esse potencial. Ainda assim, uma delas apenas complementou uma informação prévia que um dos apresentadores já possuía.

Em compensação, dos programas veiculados na televisão e analisados neste trabalho, três tiveram colaboração por meio do Correndo Atrás, quatro exibiram o quadro O Povo Quer Saber e todos veicularam o *Top Five*. Embora, neste último quadro, nenhum dos vídeos tenha sido atribuído à colaboração de algum espectador em especial, ao seu término os apresentadores sempre divulgaram as formas de enviar



material para ser exibido. Mesmo assim, na pesquisa qualitativa realizada com espectadores dos dois programas, a maioria disse acreditar que o programa veiculado na Internet é o que possibilita uma maior colaboração do público além do conteúdo já pré-estabelecido pela produção.

Entre os argumentos dos entrevistados está a ausência de uma limitação espacial como ocorre em outros meios, embora o CQC 3.0 tenha um tempo de duração de 30 minutos pré-estabelecidos, e a ausência de uma moderação daquilo que pode ou não ser exibido. Mesmo com a seleção de, em média, apenas duas pessoas por programa, uma vez escolhido para participar, o espectador pode abordar o assunto que preferir.

Já o espaço destinado à colaboração no programa da televisão, apesar de classificado pela maioria dos entrevistados como bom ou ótimo, sofreu críticas. A principal reclamação foi acerca da quantidade de material produzido pelo público exibido no programa. Enquanto no *Correndo Atrás* apenas um vídeo é selecionado, no quadro *O Povo Quer Saber* são feitas uma média de 14 perguntas, cada uma por uma pessoa diferente. Já no *Top Five*, os vídeos podem ser selecionados a partir do material enviado pelo público ou coletado pela própria produção do programa.

Apesar de no CQC 3.0 também serem selecionadas poucas pessoas para interagir com os apresentadores por meio do vídeo, (a maior quantidade de participantes nos programas analisados foram três espectadores na edição que foi ao ar no dia 29 de agosto) o espaço destinado à interação nele foi melhor avaliado pelos entrevistados. Entre os argumentos estavam afirmações de que o tempo de espera para ser selecionado para o programa na Internet é menor do que o tempo que se aguarda para publicação de um material no CQC tradicional⁷, e que a participação nele é mais ativa.

Ainda assim, o CQC 3.0 também recebeu críticas. Um dos entrevistados classificou o espaço de participação como regular por ter sido selecionado para interagir com os apresentadores por vídeo, mas não ter conseguido finalizar o contato e não ter sido informado sobre o motivo que o impediu. Outra pessoa reclamou do tempo de duração do programa e da quantidade de espectadores escolhidos para participar por vídeo a cada edição.

Vale ressaltar que a maior parte das pessoas entrevistadas, e que demonstraram perfis compatíveis com o problema da pesquisa (66% do sexo feminino e 33% masculino), possuíam acesso diário à Internet banda larga em suas próprias residências,

⁷ Deve-se considerar que este é o caso específico de um dos entrevistados. O argumento foi selecionado porque pode, sim, ilustrar a situação de outros espectadores que tentam interagir com o programa.



ou seja, a pesquisa compreendeu pessoas habituadas ao uso da rede mundial e que compunham uma audiência fiel das duas versões do programa (33% disseram assistir os dois programas sempre e 66% sempre que possível).

Em contrapartida, quando os entrevistados foram questionados se já haviam feito a inscrição para participar do CQC 3.0 ou se haviam enviado algum material ao CQC, percebeu-se que o interesse em participar do programa da Internet é apenas um pouco maior do que o de participar do transmitido pela televisão.

Ainda assim, parte das pessoas que disseram não ter enviado nenhum material para o CQC responderam não ter nada interessante para ser veiculado no programa, dando margem à interpretação de que, havendo algo que elas considerem interessante para ser transmitido, haveria a possibilidade delas enviarem o material. Nesse contexto, então, a colaboração com o programa da televisão aparece como mais atrativa ao público do que a participação no CQC 3.0.

Quando aborda a classificação feita por Tompson (1998) do processo comunicacional chamado de quase-interação, Primo (2008, p. 21) ressalta que o autor alertava que poucas pessoas recorriam aos mecanismos disponibilizados por esse tipo de interatividade, que seriam “[...] telefonar ou escrever para as emissoras manifestando repúdio; formar grupos de pressão; ser selecionado para expressar sua opinião em um programa”, preferindo, a grande maioria do público, intervir apenas decidindo sintonizar ou não determinada emissora, ligar ou desligar o aparelho de televisão ou dispensar um maior ou menor grau de atenção para o que estava sendo transmitido.

Sendo o CQC 3.0 um exemplo de potencialização de alguns recursos disponibilizados pelo CQC, pode-se dizer que os dados colhidos na pesquisa com os espectadores destes programas também refletem uma potencialização da observação feita por Tompson (apud PRIMO, 2008). Se na quase-interação o espectador optava por simplesmente ligar ou desligar a televisão, ao ter acesso a uma interação-mútua (no CQC 3.0) ele pode optar por recorrer apenas à quase-interação, que no caso específico do programa estudado é o envio de material à versão que vai ao ar na televisão.

Além disso, o programa da Internet é mais recente que o televisivo. Enquanto o primeiro teve sua primeira transmissão em outubro de 2010, o segundo está no ar desde março de 2008. Essa falta de ambientação com a potencialização e ruptura promovidas pelo CQC 3.0 pode ser a responsável pela menor colaboração no programa, se comparado à versão exibida na televisão.



Considerações finais

O que se verificou na análise das duas versões do CQC (televisão e Internet) é que o CQC 3.0 avança muito em termos de interação com o público em relação ao que se costuma verificar nos veículos que utilizam a Internet como plataforma. Enquanto a maioria se limita aos comentários e ao recebimento de material produzido pelo público (postados na íntegra, ou não), o CQC 3.0 se aproxima (e talvez possa até ser utilizado como exemplo) do conceito de interação mútua elaborado por Primo (2005).

Sem um roteiro a ser respeitado, a conversa entre apresentadores e participantes segue livre e “cada rodada modifica os interlocutores, seus comportamentos, suas mensagens e também o próprio relacionamento”, como descreve Primo (2005, p. 9).

Os conceitos elaborados por Lévy (1999) também são facilmente identificados. Levando-se em consideração que o autor utiliza cinco eixos para identificar e mensurar os graus de interação de um processo comunicacional, pode-se dizer que o CQC 3.0 chega bem perto de ser considerado o modelo ideal de interatividade, porque abrange praticamente todas as características elencadas por Lévy.

Nota-se, por exemplo, que o sistema de comunicação do CQC 3.0 permite ao espectador do programa apropriar-se e personalizar a mensagem que receberá quando possibilita que ele escolha entre participar por meio do chat do próprio site, das redes sociais vinculadas à página onde o conteúdo é exibido ou por vídeo, no caso dele ser selecionado para participar (para isso é preciso se cadastrar). Este eixo, contudo, sofre com limitações porque, embora o espectador possa escolher como participar, a mensagem, ou seja, o teor das conversas que se desenrolaram ao longo do programa, chega a todos da mesma maneira.

Ainda assim, o CQC 3.0 agrega os eixos que tratam da reciprocidade na comunicação e da telepresença. No primeiro, há a utilização do sistema comunicacional todos - todos. Apesar de em boa parte do programa os apresentadores se comunicarem especificamente com um dos espectadores (aquele que está no vídeo), todos os demais podem se comunicar entre si por meio do chat e das redes sociais embutidas na página.

Já a telepresença, diz respeito à participação do espectador por meio de sua voz. Ela é citada por Lévy (1999) como uma parte do corpo do indivíduo que se desloca até outro ponto.

O programa também abre espaço para a implicação da imagem do espectador da mensagem. Lévy (1999) exemplifica este eixo com jogos de vídeo-game em que a



mensagem é o jogo e o usuário manipula uma imagem de si próprio (o personagem do jogo). No caso do CQC 3.0, não há um personagem, mas a imagem do próprio espectador em si.

Diante de tamanha interação é possível afirmar que o CQC 3.0 põe em prática a proposta de Bercht (2005 [1932]) e Enzensberger (1978), citados por Primo e Trasel (2006, p. 06), de transformar os meios de distribuição em meios de comunicação, abertos à influência recíproca de todos os participantes.

A afirmação se constata a partir da análise da participação dos espectadores no programa. Poucos colaboraram de forma clara com conteúdo com potencial jornalístico. A maior parte buscou o CQC 3.0 como meio de entrar em contato com os apresentadores, como fariam com um amigo ou parente, numa conversa informal. Não havia a pretensão de transmitir nenhuma informação que se julgasse relevante aos demais. A hierarquia entre emissores e receptores da mensagem quase desaparece no decorrer do programa. Apesar de haver a possibilidade dos apresentadores serem vistos como superiores àqueles que participam por meio da *web cam*, nota-se um esforço por parte deles próprio em manter um diálogo de igual para igual, na tentativa de se desvincular desta visão.

Neste contexto, ressalta-se mais uma vez a visão de Silva (apud PRIMO, 2008) de que as teorias da comunicação precisam passar por uma reformulação. Embora seja um caso quase isolado, o CQC 3.0 demonstra a necessidade de não se comparar mais os interagentes do processo comunicacional com os antigos receptores da mensagem.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; FRAGOSO, Suely. **Métodos de pesquisa para a Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

BRITO, Luísa Gonçalves. O internauta produtor de notícia nas mídias sociais: a participação do público como um diferencial do jornalismo feito na Internet. In: LIMA Júnior; Walter Teixeira (Org.). **Comunicação, tecnologia e cultura de rede**. São Paulo: Momento Editorial, 2011. Disponível em: <<http://livroteccred.blogspot.com>>. Acesso em: 1 out. 2011..

CORREIA, João Carlos. **Teoria e Crítica do Discurso Noticioso: Notas sobre Jornalismo e representações sociais**. Covilhã: LabCom, 2009. Disponível em <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110819-correia_teorica_critica_discurso_noticioso.pdf>. Acesso em: 15 out. 2011



DINES, Alberto. A reportagem. In: BARBEIRO, Herótodo; LIMA, Paulo Rodolgo de. **Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

DOUGALL, Willian Mac. Notícia, matéria-prima do jornalismo. In: ERBOLATO, Mário L. (Org.) **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. São Paulo: Ática, 2006

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

KINDERMANN, Conceição Aparecida. **A reportagem jornalística no Jornal do Brasil: desvendando as variantes do gênero**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina: Tubarão, 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MYERS, Greg. Análise da conversação e da fala. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

PRIMO, Alex. **Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador**. UFRGS, n. 45, 2005. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/enfoques_desfoques.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2011.

PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo Ruschel. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias**. Contracampo (UFF), v. 14, p. 37-56, 2006.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura e cognição**. Porto Alegre: 2 edição, Sulina, 2008.

PRIMO, Alex. Perspectivas interacionistas de comunicação: alguns antecedentes. In: PRIMO, Alex; et al (Org.). **Comunicação e Interações**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

ROSE, Diana. Análise de imagem em movimento. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

SPECK, Filipe.TV. In: BRAMBILLA, Ana (Org.). **Para Entender as Mídias Sociais**. Creative Commons, 2011. Disponível em: <<http://paraentenderasmidiassociais.tumblr.com>>. Acesso em: 28 set. 2011.